

"Do tupi, porã'duba; pergunta, notícia, informação, relação" (Aurélio)

Boletim Interno

Órgão a serviço da Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo-Ano II N° 14 - Set, 1978 - Sala de Comunicação 28-A

REGRESARÁN UN DIA...

No moriré de muerte amordazada.
Yo tocaré los bordes de las brújulas
que señalan los rumbos del Canto liberado.
Yo llamaré a los Grandes Capitanes
que manejan el Viento, la Paloma y el Fuego
y frente a la segura latitud de sus nombres,

mi pequeña garganta de niño desolado
fatigará la noche, gritando:
"Venid, hermanos nuestros!
Venid, inmensas voces de América y del
Mundo;
venid hasta nosotros y palpad el sudario
de este jazmín talado de mi pueblo!"

(Héríb Cervera)

A
M
E
R
I
C
A



FOTO GERALDO GUIMARÃES

L
A
T
I
N
A

Não morrerei de morte amordaçada
Eu empunharei as orientações das bússolas
que assinalam os rumos do canto livre
Eu chamarei os Grandes Capitães
que manejam o Vento, a Pomba e o Fogo
e perante a segura latitude dos seus nomes

minha pequena garganta de criança desolada
castigará a noite, gritando:
"Venham, irmãos nossos!
Venham imensas vozes da América e do Mundo
Venham até nós para apalpar o sudário
deste jasmim ceifado do meu povo.



FOTO GERAL DO GUIMARÃES

BOLÍVIA 1970

(Silvia Pimentel)

Domitila Barrios de Chungara, mineira boliviana é o símbolo da mulher latino-americana, oprimida triplamente por uma sociedade machista, estruturada injustamente a nível nacional e marginalizada dentro da estratificação internacional.

CINCO CRIANÇAS SEM DONO

Mulheres como esta, que com sacrifício às vezes conseguem alcançar o privilégio de serem alfabetizadas superam a realidade da zona rural de nosso continente, que apresenta um índice de 91% de camponesas sem um mínimo de educação básica.

Domitila conta que escutou ao perder a mãe, a seguinte frase que revela atitudes e valores da sociedade latino-americana: "Ai, pobrezinhas, cinco meninas, nenhum homem... para que servem?... seria melhor que morressem".

PARA QUE SERVIMOS?

Somos nós mulheres — e só faz sentido porque somos nós — que estamos respondendo, cada vez com mais veemência esta pergunta.

Responde-a também Domitila, com seu compromisso: "A pátria, para mim está em todos os rincões, está também nos mineiros, nos camponeses, na pobreza, na nudez, na desnutrição, nas tristezas e nas alegrias de nosso povo".

DESIGUALDADE DE DIREITOS

O problema dos direitos da mulher caracteriza-se por duas contradições. A primeira é a coexistência de normas internacionais e constitucionais, que afirmam categoricamente a igualdade de direitos entre o homem e a mulher opondo-se a leis ordinárias e comportamentos sociais inspirados no velho preconceito da inferioridade feminina.

A outra contradição é a existência de leis ordinárias garantidoras dos direitos femininos, que, permanecem ineficazes,

pois esbarram com os estereótipos das sociedades patriarcais.

EXEMPLOS DESSA DESIGUALDADE EM TODOS OS PAÍSES DA AL

São os preceitos da lei civil que atribuem ao marido, e não a ambos os cônjuges a direção da sociedade conjugal, os direitos de fixar o domicílio da família, o de nomear tutor, de administrar os bens do casal e de decidir em casos de divergência quanto aos filhos.

Em países subdesenvolvidos acentuam-se as contradições de uma estrutura sócio-econômica desigual, afetando-se de modo particular os setores economicamente débeis e dentre eles, especialmente as mulheres.

A análise de estatísticas educacionais e ocupacionais indica que fatores sócio-econômicos atitudes tradicionais e papéis (dona de casa, mãe de família) prescritos para a mulher tornam muito difícil o acesso das mulheres em campos profissionais mais exigentes.

Em 1970 não chegava a 20% a

participação da mulher na atividade econômica, na qual a mulher ocupava níveis inferiores aos do homem.

Nesta década aumentou o emprego feminino nos estratos ocupacionais médios e altos. Contudo é baixa a percentagem de mulheres em níveis diretivos.

Segundo Gisèle Halimi não há mulher no Politburo russo nem na cúpula do governo chinês. No Partido Comunista Francês há uma mulher dentre os nove dirigentes.

Nas centrais operárias da AL a participação das mulheres é mínima.

O mesmo se diga para o setor acadêmico.

No Brasil, nunca houve um Presidente, Governador, Ministro de Estado, Senador, Presidente de Tribunal, do sexo feminino. Levantamento feito em 1974, no Congresso Nacional, revelou uma única deputada, do lado de 376 representantes eleitos a 15/11/70. No entanto, metade de população mundial é composta por mulheres.

SUBSERVIÊNCIA

Arakcy Martins Rodrigues, em seu estudo "Operário, Operária", distinguindo o sexo como uma das determinações reproduzidas na ordem cultural, aponta os mecanismos que geraram historicamente a inferioridade e a subserviência feminina.

Em seu entender, a mulher é cúmplice involuntária de sua situação, não porque aceite explicitamente o domínio do outro sexo, mas pelo conjunto de representações e práticas já transfiguradas pela ordem cultural que expressa e defende.

As mulheres sentem-se periféricas em relação ao mundo. Não participam de sua feitura e não se responsabilizam pelos resultados. Vê sua história acontecer fora dela, geralmente construída por outrem.

NOVOS RUMOS

Durante séculos, homens e mulheres viveram numa relação hierárquica e a atividade que cabia à mulher desempenhar não contribuía para que ela apreendesse ou criasse novos padrões de coexistência, como também levava a mulher a exigir menos de sua capacidade cognitiva.

A divisão, de trabalho tradicional — "homem fora de casa" e "mulher dentro do lar" — está, porém, cada vez mais deteriorada, trazendo, com isso, mudança radical da posição da mulher na estrutura social.

As diferentes e múltiplas atividades que a mulher vem desempenhando criam condições para grandes transformações na maneira como ela vê o mundo. Alteram-se as suas crenças de base, não aceita mais antigos dogmas da necessidade da sua subserviência, da sua subalternidade. Realizando, realiza-se.

POETAS DE AMERICA

(Maria Angélica C. Chicoli)

CESAR VALLEJO:
REVOLTA
CONTRA
O SOFRIMENTO

Peruano. Viveu de 1893 a 1939. Neste poeta o que mais interessa não é a estética de seus versos mas a profundidade dos sentimentos, que dão energia a toda sua obra.

A incerteza, a ignorância, a impotência e orfandade do ser humano perando vazio e os limites da existência. A dificuldade de toda comunicação humana, vio-

lento rechaço das injustiças sociais contra a solidariedade com a dor alheia. Levou essas preocupações e rebeldia até o plano concreto e ideológico. Tudo isso, ao lado da esperança por um porvir mais nobre e justo, aproximam Cesar Vallejo de um Pablo Neruda.

NICOLÁS
GUILLÉN
LUTA NEGRA

Nasceu em Cuba, 1902. Sua poesia tira importância da inovação que apresen-

A literatura latino-americana atual desperta interesse entre os universitários e intelectuais brasileiros. Mas ainda existe um longo caminho para que o Brasil conheça realmente seus irmãos do continente. Os nomes mais lembrados da literatura latino-americana são: Astúrias, Vargas Llosa, Neruda, Puig. Contudo outros expoentes permanecem desconhecidos aqui. Você já ouviu falar de Cesar Vallejo, Nicolás Guillén, Miguel Otero Silva, Hérib Campos Cervera? Pois irá conhecer alguns deles.

tam seus temas, dentro da poesia latino-americana. A situação do negro de Cuba não diferia em nada de outras regiões latino-americanas. Poesia negra, poesia social, poesia neopopular são suas características.

HÉRIB CERVERA:
APELO DO
SOLO
GUARANI

Hérib é paraguaio. Nasceu em Assunção em 1908

e morreu em Buenos Aires em 1953. Filiado à corrente modernista, abriu caminhos para a poesia nova. A poesia intimista e pessoal ao lado da poesia social foram os aspectos da sua obra. Nesta última transbordou sua sensibilidade, alcançando do plenitude: o exílio em que viveu grande parte da vida é sinal de sua "inadaptação" aos regimes de força que castigaram o Paraguai. A vontade imensa de voltar serviu de inspiração para tocar num tema universal: liberdade e justiça.

Se me deixam falar

(ENTREVISTA A

JORGE CLAUDIO)

O livro "Se me deixam falar" já conta com traduções em 9 línguas. Por que os países desenvolvidos têm interesse no problema de Domitila, uma índia boliviana? Moema Wierrez, a autora, conta que na Holanda lhe perguntaram sobre Domitila: "Como ela sabe disso tudo se não estudou? Ela deve ser mesmo inteligente..." Na mente do europeu, a Bolívia só passou a existir em 1968, por causa das guerrilhas do Che.

O encontro de Moema com Domitila deu-se em 1975, durante os debates promovidos pelo Ano Internacional da Mulher. Havia uma tribuna oficial e um fórum paralelo onde se manifestava todo tipo de organização e neste Domitila tomou a palavra.

ITINERÁRIO DE UMA INTELLECTUAL ATÉ O POVO

Moema começou ensinando música em Porto Alegre, onde não via sentido no que fazia. Daí partiu para o Nordeste, em 69, onde participou de um trabalho de educação popular coordenado pelo Mobra. Topou com uma coisa desconhecida no Sul-Maravilha: a fome: "A gente de lá tinha mentalidade de escravo por ter sido o e neto de escravo. No Sul pensávamos que a escravatura foi abolida e ponto. Lá o prefeito era dono de tudo, a turma nunca via dinheiro: tudo funcionava na base de vale. Daí, me perguntei de novo: o que significa ler e escrever neste interior do Maranhão? A cartilha, feita no Sul, mandava o pessoal ler jornal, artigo raríssimo, trazido por avião da FAB. Os meninos se formavam, iam para S. Luís. Desse jeito e gente só reforçava o sistema.

FAMÍLIA BOLIVIANA: PAIS, FILHOS E ANTROPÓLOGO...

"De lá fui ao Peru, como assistente de uma investigação antropológica. Eram 12 antropólogos que, depois de 6 meses, coletaram 3 mil fichas, tendo entrevistado setecentas pessoas. Esse material todo foi para um computador na Inglaterra e eu fiz a tese: "Comunidade andina, explotación calculada". Esta tese virou um livro que nunca um camponês vai ler. Acho isso um roubo aos grupos humanos estudados. Tomei a decisão que nunca mais faço trabalho acadêmico. Todos esses países já foram mais que estudados: tem índio que cobra 5 dólares por entrevista, tem gente nos grupos que é especialista em responder determinadas perguntas. Comenta-se que na Bolívia, a família é constituída por pai, mãe, filhos e antropólogo..."

UN PUÑADO DE TIERRA

Un puñado de tierra
Para arrimar a su encendido número
todo el frío que viene del tiempo de morir.
Y algún resto de sombra de tu lenta arboleda
para que me custodie los párpados de sueño.
Quise de Ti tu noche de azahares;
quise tu meridiano caliente y forestal;
quise los alimentos minerales que pueblan
los duros litorales de tu cuerpo enterrado,
y quise la madera de tu pecho.
Eso quise de Ti:
Patria de mi alegría y de mi duelo;
eso quise de Ti.

Hérib Cervera

De novo me vinha a pergunta: para que serve esse trabalho? Ele só serve para uma roda de intelectuais que depois de levarem toneladas de fichas para o computador não têm mais nada a ver com aquela comunidade".

MICKEY INVADE A MINA

"Fiquei impressionada com a análise de Domitila sobre os mineiros e os meios de comunicação", diz Moema. "Depois que a Disneylandia entra na mina, a criança não quer mais brincar senão com seu mundo de fantasia. O deserto da

mina torna-se mais deserto ainda. As mulheres têm vergonha de estar casadas com mineiros. Elas deviam ver que a TV mostra coisas que deviam ser delas.

Acontece que as mulheres de mineiros não são informadas sobre suas vidas: qual livro de História Boliviana vai contar que nas minas foram quebradas as 4 rádios que havia e se impuseram 5 mil aparelhos de TV? As minas foram invadidas, houve o massacre de São João porque se temia que os mineiros apoiassem Che Guevara. Os mineiros fizeram

revolução em 52 mas não a controlaram, deram a situação para os doutores."

PRAZO DE 1 MÊS ENCURTADO PARA 1 SEMANA

"Entendo esse livro como um trabalho educativo. Recolhi encontros, conferências de Domitila no México. Ao todo deu 34 cassetes e mais de 800 páginas. Quando falava com a geração nova, Domitila sentia a língua soltar-se. "Não quero falar da minha história pessoal, dizia ela, mas a do meu povo, o que me aconteceu afetou todo mundo também. Esta foi a escola que me educou para a vida."

Diante de suas experiências anteriores, Moema assumiu com Domitila o compromisso de confrontar com ela tudo o que escrevia. Domitila sentiu que a publicação de todo o material era muito comprometedor e pediu 3 meses para pensar. Havia na mina o boato de que a polícia iria baixar por aqueles dias. Daí a uma semana Domitila comunicou a Moema que topava a publicação, com o nome dela mesmo. "Talvez seja minha última contribuição", justificou Domitila.

EM DOMITILA A VIDA DO POVO

O livro foi publicado mas surgiram críticas de que Domitila não tinha consciência do problema do índio, que representa 65% da população boliviana. "O mais fundamental para mim é o problema da mina: também lá os índios trabalham e desprezam a si próprios. Não falo do que não vivi: minha experiência é a mina," responde Domitila. Quanto ao problema da mulher, Domitila ressalta que é preciso primeiro a libertação das classes e depois enfrenta-se o problema específico da mulher. "A primeira batalha é em casa, conscientizar o marido, ou a mulher, para que não entreguem a gente."

Moema conta que seu livro serve para trabalhos em bairros, fábricas, sindicatos. "O importante é que o pessoal não cultua Domitila mas compara sua experiência com a situação própria. Pretendemos fazer uma edição abreviada para o povo entender melhor. Nesse trabalho com o povo é perigoso chegar alguém com experiência acadêmica e querer acelerar o processo, sem respeitar onde o povo está. Acabam fazendo um 'catecismo' para ser repetido, dar receitas."

Um pouquinho de terra para chegar ao seu aceso número todo o frio que vem do tempo de morrer. E algum pequeno resto de sombra das tuas cálidas árvores Para que protejam as minhas pálpebras de sono. Desejei de ti a tua noite de aromas, desejei teu vento meridional cálido. e florestal, desejei os alimentos minerais que povoam os duros litorais de teu corpo enterrado e desejei a madeira do teu peito.

Isso deseje de Ti:
Pátria de minha alegria e minha dor
Isso desejei de Ti

APÓS ELES, O DESERTO...

(Fernando Almeida)

O modo como se chega a uma cidade já determina o que se escolherá para ver e a impressão final que se terá daquele lugar. Cheguei de avião. A cidade era Porto Velho: muitos turistas saindo para Manaus, vendedores ou advogados de grandes firmas ou norte-americanos sem jeito de turistas, mas também sem jeito de empresários (depois vim a saber quem eram e quais seus objetivos). Se eu tivesse chegado de ônibus, vindo de Cuiabá, respirando dois dias de pó vermelho, sem banho, empurrando a condução pelos areiões, certamente procuraria outras informações sobre a cidade e sintetizaria outra impressão sobre seu povo. É como quem chega de jato que vou falar de Rondônia.

Até Porto Velho sobrevoa-se uns 1000 km. de mata. Alguns rios, nenhuma estrada, plantação ou releu casinha. Vi 2 aeroportos para aviões de pequeno porte, precaríssimos, sem casa perto. É de se imaginar a riqueza que há ali embaixo, em madeiras, minérios, peles... Mas não há razão para susto: alguém já terá aerofotogrametrado tudo, mapeado "via satélite". Se os brasileiros não conseguirmos explorar esses dons naturais, poderíamos até fazer contratos de risco com os donos dos satélites. Se não acharem nada, azar dos gringos. Se acharem, poderíamos dividir uma parte pra eles, outra pra nós, como fizeram os portugueses com os índios.

1º CASO: DEPENDÊNCIA E EXPOLIAÇÃO ECONÔMICA

Durante 15 dias ministrei um curso de aperfeiçoamento para docentes de 1º e 2º graus — um convênio MEC-CENAFOR. o número de viagens que precedeu minha ida me fez pensar muito no curso. Técnicos, planejadores, Secretários da Educação, foram, voltaram, debateram com outros técnicos, planejadores e secretários. Até hoje pergunto o que fizeram com tantas andanças planejadoras. Talvez as companhias aéreas tenham mais claros os objetivos deles. Minha experiência foi no âmbito da educação mas gostaria de analisar 2 casos de dependência e expoliação.

Rondônia, esse pobre território rico. Na sua economia, é a cassiterita que mais chama atenção. Contudo, poucas vantagens de suas divisas ficam lá, pois os donos das minas moram fora, o minério é beneficiado e seus derivados elaborados

em outros lugares. Quase só os magros salários dos mineiros aí permanecem. O salário é alto em relação ao "Sul Maravilha", bem como o altíssimo custo de vida. Praticamente tudo é importado de outros estados. Manaus é a fonte mais próxima de suprimento, distante 860 km. de Porto Velho. Assim, esvazia-se a riqueza de uma região para acumular-se em outras mais dotadas. Eletro-domésticos, asfalto, automóveis que invadem o território não representam a prosperidade local. Consumidos esses produtos, jogam-nos fora e não são reproduzidos no interior desta mesma sociedade rondoniense. Assim, a dependência aumenta frente aos centros do sul.

2º CASO: SUFIXOS REFERENCIAIS OU DE COMO TIRAR SANGUE DE NABO.

E a expoliação cultural? Certo dia fui visitar com alunos um instituto de linguística. Imaginava uma casa em algum bairro de Porto Velho. Andamos 20 km pelo rio Madeira. Nunca que chegávamos. Tinha até búfalos. De repente, uma estradinha lateral. Aparecem belos gramados e casas em estilo americano do norte. Fomos apresentados na portaria a um casal de americanos, extremamente afáveis. Mostraram tudo e respondiam a um bombardeio de perguntas. A floresta rodeava casas, campos de esporte, piscina, laboratórios, oficinas, campo de aviação... Mesmo meus alunos de Rondônia desconheciam aquilo: o "Summer Institute of Linguistics". "Somos pessoas de várias nacionalidades, nosso único objetivo é traduzir a Bíblia para o idioma do índio..." explicaram. 44 tribos são objeto de altas pesquisas, múltiplas publicações. Os temas são: "sufixos referenciais e o elemento nominal na língua Ma-naindê" ou "Significado e função de margens verbais na língua Paumari" ou ainda "Cláusulas semânticas na língua Macusi". 92% da receita vem de fora. 25 milhões de dólares se dividem por Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Guatemala e México. A que vêm eles? Doutrinar, contrabandear nosso solo, mapear nossas riquezas, levar os índios para Deus? Sei lá. O que mais impressiona é que de alguma forma levam a riqueza do índio, sua língua, sua cultura. Fotografam, gravam, imprimem em seus livros, sugam, secam, dissecam o aproveitável. Sinto-os como conquistadores e colonizadores do espírito. Após eles, o deserto...

DOMINAÇÃO: PAPEL DA PSICOLOGIA

(Silvia Lane)

As ciências humanas, pelas condições sociais que cercam seu desenvolvimento, por vezes exercem papel de consagração de uma ordem social, representando valores de uma classe dominante. Não seria tão problemático se esse procedimento se restringisse à "torre de marfim" onde se escondem certos cientistas. Porém, as ciências humanas fazem de todos nós outros tantos "cientistas": estes conhecimentos são utilizados no dia a dia e justificam o status-quo.

viduos para a "emergência de lideranças", funcionais": estas expressões são frequentes na vivência e nos trabalhos científicos.

Se pensarmos em termos utópicos, veremos que "líder" não é necessariamente um conceito universal. Ele emerge em culturas onde a autoridade, explícita ou tácita, é um valor necessário. O líder ou liderança institui uma dominação cujo complemento é sempre submissão. O que aconteceria com este termo numa sociedade onde "todos os homens são iguais?"

SOCIAL, "RESTO" DA BIOLOGIA

A Psicologia, mais que outras ciências humanas, por ter como objeto cada um e todos nós, está sujeita a desempenhar papel de manutenção social. Dentro dela a Psicologia social é nevrálgica: aí são estudadas as relações entre Indivíduo e Sociedade.

Na tradição "biológica" da Psicologia, o social é estudado como pano de fundo estático, imutável, justificando, além de "explicar", os comportamentos individuais. A Psicologia Social vem encapando com vestes de ciência as representações ideológicas de uma denominada sociedade (que muitas vezes nem sequer é a nossa...)

PARA QUE PRECISAMOS DE LÍDER

Talvez o exemplo mais marcante dessa mistificação seja o conceito de "líder", muito usado no cotidiano e que deve muito do seu uso à sua reputação científica. A necessidade de se desenvolverem "características de liderança, treinar indi-

GRUPOS, RESISTÊNCIA À MUDANÇA

E grupo, trabalho em grupo, treinamento em grupo? O grupo como partidarismo, como encontro entre indivíduos, desapareceu em favor do grupo que "produz", grupo "eficiente". Assim, todas as regras da dinâmica de grupo, tão divulgadas, visam apenas a uma "harmonia" que garante a produção.

O quadro fica ainda mais trágico quando estudos sobre a "resistência à mudança" entram no uso diário. É quando a expressão incorpora um sentido pejorativo, associado a quem resiste, sem nunca ocorrer a pergunta sobre que mudança não se quer fazer. Tal conceito consagra propostas de mudança em organizações, (em geral empresas) promovidas por uma direção que deve convencer os subordinados acerca do valor daquilo que ela quer mudar.



BOLÍVIA 1970

PSICOLOGIA PARA O TRABALHADOR

(Alberto Abib Andery)

Muito se fala sobre a relevância social do ensino e pesquisa na Universidade. É quase um lugar-comum: "Voltar-se para a realidade brasileira". Mas, para a Psicologia, essa tarefa é quase um desafio: em seus 100 anos de existência, ela assumiu sem questionamento o pressuposto de que a separação do homem de sua realidade social, econômica, cultural seria a melhor maneira de criar a Psicologia-Ciência.

Assim, a Psicologia delegou a outras especialidades o estudo do homem historicamente situado e partiu para experimentos cujo objeto tem sido secções cada vez menores de funções sensíveis, cognitivas e de comportamentos moleculares. Age assim na esperança de ser este o melhor caminho para se chegar ao conhecimento científico da conduta humana.

Houve grandes avanços. Mas os comportamentos cotidianos no homem concreto, na família, na fábrica, na rua, no hospital, mal se coadunam com as categorias abstratas, a-históricas que constituem grande parte do atual acervo da Psicologia.

Assim, o psicólogo saído da Universidade com grande saber científico comporta-se muitas vezes como um alienado das realidades sociais. Pode até tornar-se ingenuamente num instrumento de controle e dominação exercida pelos poderosos sobre o trabalhador brasileiro. Com uma prática profissional — muito bem paga, mais alienada e elitista — nas indústrias, escolas, meios de comunicação, hospitais, o Psicólogo aplica conhecimentos que não esclarecem nem promovem o homem real, mas servem aos poderosos.

O brado de alerta sobre as condições reais do trabalhador e do homem comum tem vindo muito mais de outras áreas das ciências humanas do que da Psicologia. Esta é complacente e omissa com o uso que a sociedade faz do homem, inclusive através de técnicas e teorias psicológicas.

Felizmente a Psicologia começa a reagir a essa alienação que se auto-impôs. Começa a procurar novo enfoque científico sobre a conduta humana a partir de variáveis socialmente relevantes de cunho econômico, cultural, político e histórico.

A Psicologia socialmente orientada descobre a importância do Social — com maiúscula — como variável determinante dos comportamentos, atitudes, crenças e personalidade. Percebe também os compromissos reais que o psicólogo assume na sociedade em que trabalha. Vão surgindo trabalhos científicos ligados à prevenção da saúde, desenvolvimento de grupos comunitários, ao estudo da configuração socio-psicológica do trabalhador, à análise de técnicas de controle em contextos socio-políticos bem situados.

Na Faculdade de Psicologia da

PUCSP aumenta a preocupação com o papel social do psicólogo, com o movimento de libertação do homem brasileiro contra dominações seculares até agora acobertadas (até sob o manto de Psicologia científica).

A análise científica das vicissitudes concretas de um urbano às voltas com a doença mental; do trabalhador rural com seu universo mental de representações, do operário braçal, marreiteiro, favelado e o que isso significa quanto à inteligência, personalidade e comportamentos cotidianos. Eis alguns temas que a Psicologia começa a estudar timidamente na esteira de antropólogos e sociólogos.

Deste enfoque socialmente orientado surgirão novas pesquisas e nova prática profissional. Novos campos de atuação e pesquisa se irão impondo: centros comunitários de saúde, assessoria psico-social a grupos populares, bairros, igrejas e sindicatos, trabalhos preventivos a menores abandonados, novo enfoque sobre a organização empresarial, etc. Estes são alguns desafios e esperanças para uma nova Psicologia-alternativa.



BRASIL 1975

SAÍDAS: JUNTAR TANQUES OU TURBINAS

(L.N.T.)

Sempre que se conversa sobre América Latina, alguém fala de "integração". Apontam-se aos poucos resultados alcançados, mesmo ao mero nível de comércio exterior. Os maiores problemas estariam na relação entre os "grandes": Brasil e Argentina. Sobra a pergunta: será que bastaria o entendimento entre os grandes para a construção de uma AL unida?

ALTAS TRANSAÇÕES

Talvez a normalização das relações com a Argentina seja a principal meta do governo Geisel em política exterior. Segundo números de 1977, a Argentina seria nosso parceiro em negócios de mais de 800 milhões de dólares. Esta cifra supera de longe os vizinhos do continente, o 2º país mais importante em volume de negócios é o Chile: 440 milhões de dólares. Esta quantia representa quase o mesmo volume das transações feitas com

todos os países do Leste Europeu, segundo a VISÃO, Especial de 1978). Mesmo com tal volume de negócios acirram-se as disputas com os argentinos. Pronto, já estamos ameaçando a integração.

ITAIPU (TRADUÇÃO: "PEDRA NO SAPATO")

Diplomaticamente, são vários os motivos para as disputas. O principal seria a usina de Itaipu, construída em conjunto entre o Brasil e o Paraguai. Seriam atingidos interesses argentinos, que constroem a usina de Corpus, também com o Paraguai, 100 km abaixo de Itaipu, no mesmo rio Paraná. E lá se vai a integração de novo... Chegou-se a falar num estágio pré-bélico entre os dois países, por conta das usinas.

Contudo, no período crítico, quando

eram maiores as tensões diplomáticas (2º sem. de 1977), com as chancelarias trocando duras notas, surge um general brasileiro — Antônio Bandeira — sendo recebido com grandes festas em Buenos Aires, com todo o Alto Comando argentino presente. Os discursos ressaltam a amizade entre as corporações militares dos dois países. Frisam bem: querelas e briguinhas, é lá com os diplomatas.

Isso dá o que pensar: será que existem dois Brasis ou duas Argentinas? Diplomatas paralelamente a militares? No resto da AL, em todas as crises, esta dualidade também aconteceu. Recentemente, enquanto diplomatas de Chile e Argentina brigavam, encontraram-se a sós Videla e Pinochet, para acertarem ponteiros. Espisódio semelhante ocorreu durante a crise Bolívia-Chile.

INTEGRAÇÃO POR CIMA E POR BAIXO

Pensando bem, já existe a integração de fato. Mas quais são suas características, que tipo de iguais se aproximam? os países que se entendem apresentam um ponto comum: suas estruturas de Estado são dominadas por aparelhos militares. Destes aparelhos emergem os "diplomatas" que decidem, os "economistas" que planejam, os "governantes" efetivos. De fato, estes países já estão integrados.

Talvez haja outro aspecto desta integração. A miséria da maioria é outro ponto, que funciona como uma espécie de linguagem comum aos habitantes da grande nação latino-americana, unida do México à Patagônia. Assim, a tal integração já existe: de governos e de governados. Para os primeiros, se algumas usinas separam, a necessidade geral dos tanques une. Para os segundos, tudo os une. É isso que importa.

Los Heraldos Negros

Cesar Vallejo

Hay golpes en la vida tan fuertes...

Yo no sé!

Golpes como el odio de Dios: como si ante ellos,
la resaca de todo lo sufrido
se empozara en el alma...

Yo no sé!

Son pocos; pero son... Abren zanjas oscuras
en el rostro mas fiero y en el lomo más fuerte.

Serán talvez los potros de bárbaros atilas;

o los heraldos negros que nos manda la Muerte.



Son las caídas hondas de los Cristos del alma,
de alguna fe adorable que el Destino blasfema.
Esos golpes sangrientos son las crepitaciones
de algun pan que en la puerta del horno se nos quema.
Y el hombre...Pobre...pobre! Vuelve los ojos,
como cuando por sobre el hombro nos llama una palmada
vuelve los ojos locos, y todo lo vivido
se empoza, como charco de culpa, en la mirada
Hay golpes en la vida, tan fuertes...
Yo no sé!

HISTÓRIA E CUMPLICIDADE

(L.P.)

Escrever a História é uma forma de cumplicidade. O indivíduo que a escreve, historiador, cronista, memorialista ou político, incorpora ao objeto as categorias de seu intelecto. Estas, inevitavelmente, deformam o objeto e a História termina sendo uma simples ideologia. O indivíduo que escreve a História se faz cúmplice de algo que ele talvez ignore; sua cumplicidade com a VERDADE não existe. Logo, a VERDADE que foi produzida, não é tanto a do objeto e sim de quem a escreveu. Em consequência temos uma meia-verdade ou uma mentira inteira.

A SERVIÇO DO ESTADO ABSOLUTISTA

Estas notas nada têm a ver com a epistemologia, ainda que comecem colocando o problema epistemológico por excelência. Pretende-se aqui chamar a atenção sobre o fato de escrever uma determinada História é uma das maneiras mais eficazes e generalizadas de fabricar ideologia para uma dominação.

Pierre Chaunu recorda que na França, a escrita da História está intimamente vinculada à construção de um Estado

absolutista. Aqueles que procuram recriar o passado, fazem com o olhar voltado para um centro definido: o Estado. Escreveram pois a História do Estado, de seus avatares até a culminação na Monarquia absolutista, término de um processo multiseccular anterior.

O próprio Chaunu assinala o caráter político-ideológico dessa tarefa historiográfica. Sugestivamente, aqueles que a realizaram, são cavaleiros de toga: juizes e advogados, sacerdotes, magistrados da administração, servidores do Rei. A História pois, não está a serviço da verdade objetiva, e sim de uma finalidade concreta: produzir ideologia que provoque o Absolutismo.

IDEOLOGIA, CIMENTO DA VIOLÊNCIA

O fenômeno se repete na América Latina. Durante o processo durante o qual se constitui o Estado-nacional na Argentina, o líder máximo do processo encontra tempo para escrever História, apesar de suas múltiplas ocupações políticas e militares.

Falamos do general Bartolomeu Mitre, chefe do exército, presidente da República, político de primeira linha.

Adverte ele que a dominação é algo mais que um sistema de coação física, de imposição violenta, de determinadas formas de convivência. Adverte claramente que uma dominação deve ser cimentada por um corpo de convicções, suscetíveis de unificar no plano da ideologia aquilo que na realidade social está sendo unificado mediante a violência física. E se entrega, como parte inerente de sua tarefa mais urgente, a escrever História, a produzir ideologia.

QUEM NÃO CRÊ É MAU CIDADÃO

Sua obra de historiador se articula em torno de dois nomes: os generais Belgrano e San Martín. Ambos são propostos como modelos de nacionalidade, sobretudo o segundo, tornado o LIBERTADOR por excelência. Ambos serão modelos de virtudes cívicas e privadas, de total desprendimento e moral incorruptível. Desde então, os argentinos poderão divergir sobre muitas coisas mas deverão coincidir inevitável e forçosamente não tanto sobre as figuras de Belgrano e San Martín e sim sobre os VALORES que elas encarnam, dos quais elas são portadoras.

Esses VALORES, assumem a qualidade de VERDADES definitivas, indiscutíveis, verdadeiros atos de fé. Se crê ou não se crê; quem não crê é um mau argentino. Ninguém quer sê-lo: todos crêem.

A ESTÁTUA VAZIA

A partir daí, esses valores se desprendem dos personagens reais e se entronizam na estátua — invariavelmente equestre — que, na praça pública, aponta para o futuro o dedo admoestador. No ato escolar, na cerimônia oficial, a estátua aglutina a todos por igual, pobres e ricos liberais e anti-liberais: todos rezam, numa espécie de missa leiga ao "pai da pátria". A estátua tem o nome do herói mas já não é ele: tornou-se um VALOR ou um COMPLEXO DE VALORES unificadores. A estátua está vazia por dentro, como está vazia de realidade e recordação emocionada pelo herói - modelo-de-todas-as-virtudes. A estátua é uma abstração disfarçada. De militar e de cavalo. A partir desse momento está cumprida sua função ideológica. Esta, evidentemente, está a serviço de uma dominação. A escrita da História neste caso foi uma forma de cumplicidade.

A referência à América Latina pode estar sujeita a impulsos emocionais, a um romântico latino-americanismo inconstante. Qualquer ação libertadora deve começar com a identificação da AL como lugar da versão piorada do capitalismo.

É preciso perceber as relações concretas da AL — com o "Ocidente". Produzidas no interior do Antigo Sistema Colonial, as relações AL-"Ocidente" são reproduzidas na atualidade. Que relações são essas?

PORTUGAL OU INGLATERRA? TANTO FAZ

1- A colonização incorporou o continente na rota do desenvolvimento capitalista em sua fase primeira: a acumulação primitiva. Há uma autêntica montagem do Novo Mundo como elemento constitutivo do surgimento do modo de produção capitalista. Neste primeiro sentido, a AL foi peça de um sistema, instrumento de acumulação primitiva. Se admitirmos esta acumulação prévia como coordenadora da colonização, detectaremos um traço básico da realidade atual. Portanto, se a Inglaterra nos colonizasse, nossa história não seria diferente. Se nos EUA, o resultado da colonização inglesa foi outro, deve-se não a outro projeto. (Quando surge a demanda do tabaco na Europa, século 18, a Metrópole Inglesa tenta explorar o Sul de suas colônias no mesmo padrão português, mediante grandes empresas estatais).

UM TIRA, OUTRO LEVA

2- Para explorar as colônias, a empresa colonizadora necessitava desenvolvê-las, mediante a incorporação delas à produção mercantil com aumento populacional, crescimento da produção e de tarefas administrativas. Assim, surgiram novos grupos sociais, vinculados de forma variável ao processo produtivo. Revelam-se oposições de interesses internamente radicados. Enquanto isso, as me-

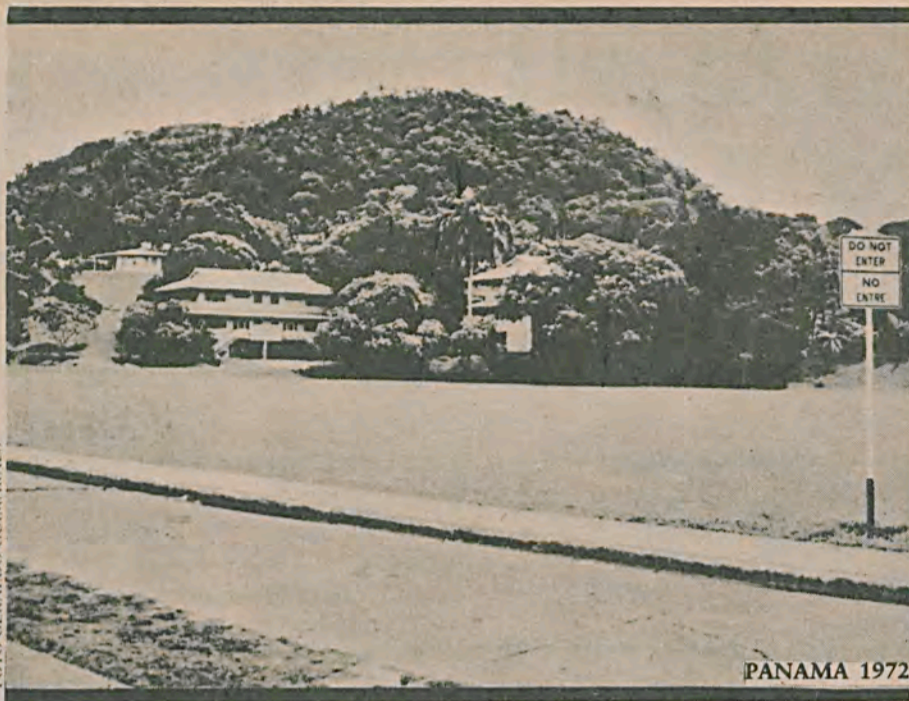


FOTO GERAL DO GUIMARÃES

América Latina: versão selvagem do capitalismo

(Paulo-Edgar Resende)

trópoles portuguesa e espanhola, viciadas pelo lucro fácil das especulações ultramarinas, viam seus benefícios escoarem para o centro dinâmico do sistema. Potência mundial, a Inglaterra não teve dificuldades em capitalizar os movimentos de independência, incapazes de organizar um novo sistema de poder.

Contudo, não é pequeno o significado da emancipação política na AL, a constituição dos estados nacionais no séc. 19. Não ocorreu mera transferência de tutela, sem modificação fundamental. A "independência" permite aos setores latino-americanos dominantes fortalecerem-se graças aos recursos que antes lhes eram tirados pela antiga exploração colonial.

NAÇÃO x nação, CLASSE x classe

3- No século 20 consolida-se a internacionalização dos interesses capitalistas, fazendo as fronteiras nacionais ou latino-americanas ilusórias se hiperdimensionarem. Os postulados nacionalistas ou latino-americanos soam abstratos se os problemas internos forem atribuídos mecanicisticamente à exploração de uma supinação sobre a nação. Tal perspectiva errônea pressupõe que interesses nacionais sobrepujariam os interesses de classe (estes seriam contradições secundárias). Pressupõe-se ainda que os setores "oprimidos" (sic) (a "indústria nacional legítima" e as massas operárias) só po-

dem ter interesses coincidentes com os do país.

Discordamos portanto da referência indiscriminada à dependência. O abuso desta noção se deve à adoção do conceito de imperialismo como conceito econômico. Para nós é um conceito político. Imperialismo é a política do grande capital que sobredetermina o desenvolvimento dos países capitalistas novos: não é fenômeno estrutural, embora não inexistente. A sobredeterminação imperialista dá o caráter selvagem à acumulação. A dinâmica interna de cada país de AL é aspecto particular de dinâmica mais geral do sistema global. O poder de decisão dos setores internacionalizados demonstra a eficácia na gestão-sanção do sistema. "INTEGRAÇÃO" LATINO-AMERICANA: CRESCER E DISTRIBUIR

4 — Uma última referência aos esquemas de integração regional segundo a CEPAL, operacionalizados pela ALALC. Seu maior defeito é considerar a integração da AL como exigência da industrialização, que levaria à auto-determinação. O momento econômico prepararia o momento social, coroado pelo momento político. O corpo a se fortalecer seria ossos e músculos, para depois serem inseridos os nervos. Nos planos de integração, o tratamento às questões políticas e sociais é praticamente inexistente ou irrelevante. A utilização de instrumentos de análise economicista, reproduz uma visão de integração mais parecido com um ajuntamento de partes, como se desenvolvimento e autonomia fossem obtidos com a somatória dos países.

A separação entre Poder e Sociedade, existente em cada nação da AL, não é questionada pelos projetos de integração. Assim, chega-se ao conteúdo social e político de seu vocabulário — expressão alternativa da reprodução ampliada do capital.

FILOSOFIA LATINO-AMERICANA? FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO. (ALÍPIO CASALI)

"E latino-americano sabe fazer filosofia?" "Tem sangue pra isto? Filosofia a sério mesmo: rigorosa, consistente..." O curioso é que existe quem chega mesmo a se fazer tais perguntas. E a ficar em dúvida e hesitar antes de responder. Esclarecimento: falar de "filosofar latino-americano" pode levar a mal-entendidos. "América Latina" aí não é o mero lugar geográfico casual de onde se pensam as mesmas coisas que se pensariam "da Europa", ou "da África": "o ser" em geral, ou "o homem" em geral...

AMÉRICA LATINA. UM LUGAR OU UMA PERSPECTIVA?

Em primeiro lugar porque o filosofar tem muito que ver (ou melhor, só tem) com o tempo e lugar cultural em que acontece. Depois, porque aqui no caso estamos nos referindo especificamente a uma filosofia que intencionalmente toma a América Latina como uma perspectiva como um tema. Isto significa que há uma tomada de consciência das peculiaridades históricas e culturais de nosso continente e uma decisão de filosofar a partir dessas características.

ENRIQUE DÚSSEL

Estamos nos referindo a Enrique Dússel. Argentino, 44 anos. Doutorado em Filosofia, Doutorado em História,

Licenciado em Teologia. Depois de estudos e trabalhos na Europa, retorna à Argentina em 1968. Mas veio 1975 e o Golpe. Impossível a convivência com a ditadura militar. Por isso teve de deixar o país às pressas, tendo que largar atrás de si a sua biblioteca. Seu exílio: México, onde hoje leciona na Universidade Nacional Autônoma (UNAM). Em dezembro

do ano passado esteve na PUC-SP, no Simpósio "História da Igreja na América Latina". Pouca gente soube infelizmente.

AS FILOSOFIAS EUROPÉIAS SÃO...

Dussel hoje prefere denominar seu trabalho de "filosofia da libertação". Diz que é preciso não só não ocultar mas, antes, partir positivamente do conflito

existente entre o "centro dominador norte-atlântico" e a "periferia explorada, dominada". Com esta perspectiva procurou repensar tudo o que foi pensado até agora pela filosofia européia. E trouxe à tona o que apenas parece óbvio: as filosofias européias são filosofias européias. É preciso agora pensar o ainda não pensado: a própria libertação das nações periféricas dependentes e, internamente, de suas classes dominadas. E fazer isto a partir de um ponto de vista não europeu.

AGIR E PENSAR

O tema central, portanto, é a própria praxis de libertação, sendo a opção por tal praxis o ponto de partida do filosofar. Assim como a "teologia da libertação", Dussel entende que só faz sentido teologar e filosofar dentro e a partir de uma ação libertadora. E o faz com um estilo afoito, ousado. Sua versatilidade intelectual o leva sempre a grandes ligações, grandes sínteses interdisciplinares.

Enfim, Dussel é sobretudo um intelectual polêmico. Sua ousadia em escapar dos limites de uma abordagem científica mais específica e rigorosa, levanta muitas questões. Seja como for, abriu um caminho e andou: sua obra já é bastante grande. Tomara que possa estar em breve mais à disposição, para inclusive ajudar a distinguir logo entre os modismos e o que há de verdadeiro no "latino-americanismo".



FOTO GERAL DO GUIMARÃES

Papel da mão-de-obra negra na história econômica latino-americana

(Ivone Avelino e Adilson Gonçalves)

A importância do negro, abordada nas mais diversas formas, é um dos maiores interesses da historiografia contemporânea.

O negro é tema difícil devido ao escasso acesso a fontes documentais e impressas: apesar dessas dificuldades é um tema apaixonante que de há muito nos interessa.

AS ELITES CONTAM A HISTÓRIA

O historiador atual encontra a necessidade de estudar o processo histórico de forma oposta aos trabalhos anteriores. Existem numerosas falhas na historiografia tradicional porque seus autores não enfocam a atuação das camadas "subalternas" ou "inferiores".

A reconstrução do processo histórico do ponto de vista do "trabalhador" é uma etapa árdua, tanto por nossos vícios culturais como pela ausência freqüente de fontes documentais. Quando se trata de conhecermos a História daqueles que não deixaram documentos escritos, porque eles foram objetos ou mercadorias, o problema das fontes se acentua.

Nesta contribuição interessa-nos deixar elencados alguns dados históricos que indicam cronologicamente a inserção da mão-de-obra escrava. O assunto encontra poucos trabalhos que problematizem o trabalho do negro, sendo a bibliografia tendenciosa ou monográfica.

NEGRO E INDÍGENAS CARAS MERCADORIAS

O trabalho do negro na AL se enquadra perfeitamente dentro de um sistema colonial de exploração de uma metrópole mercantilista. Desta forma, o escravo surge como mercadoria, chegando à América representando alto valor. Assim, dentro da política econômica do colonialismo, o escravo atende aos interesses de 3 importantes grupos: o colono, o intermediário, a Realeza.

Ao colono era imprescindível o escravo como mão-de-obra, pela necessidade de produção da própria mina, para sua subsistência e no setor doméstico. Através de concessões, reais, oriun-

das de benefícios prestados ao Rei, o intermediário lida com interesses fiscais ligados à mercadoria humana.

O REI E OS INTERMEDIÁRIOS

O Rei lucra em 3 momentos: o benefício prestado pelo intermediário, no fisco, na alfândega.

A figura do intermediário passa por estágios de acordo com cenários fornecidos pela política colonialista. Primeiro, os particulares é que recebem concessões reais. Segundo, são pessoas jurídicas vinculadas a Companhias de Comércio, de diversas nacionalidades (portuguesas, inglesas, holandesas e finalmente a América Bourbônica com as Cias. Franco-Espanholas de Comércio e com a Instituição do Comercio Livre).

O grande contingente de mão-de-obra africana foi deslocado para a América Central (insular e continental). Este fato se justifica pela escassez de mão-de-obra indígena: as populações pré-colombianas estavam distantes ou então exterminadas, tanto em massacres como pelo próprio trabalho físico imposto pelos espanhóis.

A venda de escravos teve acentuada ascensão no século 18 devido à exploração da prata e do açúcar.

NEGRO NA MINA E NEGRO EM CASA

Na região insular, onde a agricultura de cana para exportação era a atividade predominante, o escravo foi empregado diretamente na produção. No continente, a exploração da prata era a atividade mais lucrativa e nesta atividade a população indígena que restou era mais empregada ficando o negro no setor subsidiário (área de subsistência — a mina — e também no setor doméstico).

Acerca da posição dos negros domésticos há uma posição altamente questionável apresentada por Vicenta Cortes Alonso no "Anuário de Estudios Americanos" de 1967. Segundo ela, "los negros domesticos tienen mucha mayor importancia en la formación social hispanoamericana en el desarrollo de los nucleos africanos en el desarrollo de los nucleos africanos las ciudades e villas del continente americano, que los otros". Esta posição poderá ser rebatida em estudos ulteriores.

Yoruba soy, lloro en yoruba lucumi
Como soy un yoruba de Cuba,
quiero que hasta Cuba suba
mi llanto yoruba
que suba el alegre llanto yoruba
que sale de mi yoruba soy
cantando voy
llorando estoy
cuando no soy yoruba
soy congo, mandinga, carabalí
Atiendan, amigos, mi son que
empieza así:
Adivinanza
de la esperanza
lo mio es tuyo
toda la sangre
formando un rio
(Nicolás Gullen)

Yoruba sou, choro em yoruba lucomí
Como sou um yoruba de Cuba
quero que até Cuba suba
meu pranto yoruba
que suba o alegre pranto yoruba
que sai de mim.
Yoruba so cantando vou
chorando estou
e quando não sou yoruba
sou congo, mandinga, carabalí
Prestem atenção, amigos, porque
meu canto começa assim:
Enigma
da esperança
o meu é teu
o teu é meu
e todo o nosso sangue
formando um rio.

PROJETO ALEMÃO DE PESQUISA NA AMÉRICA LATINA

O principal centro de estudos superiores da República Federal da Alemanha (RFA) que se dedica ao estudo da América Latina é o Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim. Este centro interdisciplinar existe desde 1970. Resultou de esforços anteriores realizados em pequenos institutos da Universidade Livre no sentido de estimular o ensino e a pesquisa sobre a AL.

COMO SE ORGANIZA

O INSTITUTO

As pré-condições para que se localize tal Instituto em Berlim são especialmente favoráveis, dispondo de uma das melhores bibliotecas do ramo. No I. A. L. estão representadas as disciplinas:

- Estudo das Civilizações Indígenas Americanas (Arqueologia, Etnologia Linguística, Antropologia dos indígenas americanos).

- Ciência Geográficas: História; Linguas e Literatura Latino-americana; Ciência Política; Sociologia; Ciências econômicas.

PESQUISA DE CAMPO

O IAL realiza todo ano, ao menos uma excursão pela AL com estudantes de semestres avançados, sendo-lhes assim oferecido o acesso à pesquisa empírica. Destas excursões resultam trabalhos de diploma, individuais e coletivos.

Nos últimos semestres as pesquisas tiveram por prioridades no campo das ciências sociais e econômicas, os países seguintes: Chile, Brasil, Peru, Argentina e América Central. Fruto destas pesquisas,

foram publicados trabalhos. Além disso, atua o Grupo de Trabalho América Latina na Escola (AGLAS). Entre outras atividades, o AGLAS elaborou modelos e material didático para jovens e adultos além de volumosa coleção de material audio-visual à disposição do ensino universitário.

INVESTIGAÇÃO: GRUPOS DE PODER

Atualmente se realiza no Instituto uma investigação interdisciplinar sobre o Brasil. Dela participa um setor significativo de seus docentes e estudantes em colaboração com colegas sociólogos, economistas, historiadores brasileiros.

O objetivo desta investigação é a análise dos limites e da viabilidade das estratégias econômicas e políticas de regimes militares sul-americanos. Parte-se de uma análise comparativa entre Chile e Brasil, com peso maior no caso brasileiro. Interessante recordar que em nosso país concentra-se — depois dos EUA — o maior volume de inversões alemãs no estrangeiro. O estudo se realiza em 3 momentos:

— desenvolvimento econômico das duas últimas décadas e a forma como ele afeta os diversos setores e classes sociais;

— a composição e crise no interior do bloco que está no poder;

— a conformação e perspectivas da oposição democrática ao regime.

Os resultados deste projeto serão publicados em 1980 em português e alemão.

FRASES

(semana do Direito)

(Dr. Hélio Bicudo: palestra "Violência Policial")

"No meu tempo fizemos uma manifestação no largo São Francisco contra a Ditadura de Vargas com rolhas na boca, simbolizando a repressão. Parece que hoje eles mandam engolir a rolha..."

(De um ex-deputado federal do PDC: durante a palestra "Lei de Segurança Nacional")

"O que se faz necessário hoje é uma atuação parlamentar de denúncias das péssimas condições de vida e trabalho da maioria da população brasileira, da necessidade para a democracia da Anistia Ampla, Geral e Irrestrita a todos os presos e perseguidos políticos, do fim do arbítrio e de toda a legislação repressiva" (Dr. José Mentor: "Debate Político").

"Em 63 o país vivia um momento sabidamente oposto ao atual, na área da Educação. A Universidade, considerada como uma comunidade de professores e alunos, pulsava com a nação e era estimulada, em seu entusiasmo, pelo próprio Ministério" (Dr. Paulo de Tarso Santos, ex-Ministro da Educação, Gov. João Goulart; Homenagem aos Professores Cassados).

"A Polícia também faz greve: a greve de agir dentro da lei" (Dr. Wagner Balera: palestra sobre "Violência policial").

"Não merece o voto do povo quem não dá o voto ao povo" (Sen. Franco Montoro: "Debate Político").

"Motivo de força maior impossibilita-me de participar pessoalmente da homenagem que o C.A. 22 de Agosto presta hoje a professores privados por ato discricionário de 1969 do exercício do magistério que tanto dignificavam. Ainda assim, não quero deixar de dar minha adesão ao ato deste Centro, autor de tão benemérita iniciativa".

(Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, explicando por carta sua ausência na Homenagem aos Professores Cassados)

"A sucessão de julgamentos inócuos dos réus do Esquadrão da Morte permite que se acrescente mais um degrau na escalada da desmoralização da justiça dentro deste país."

CURTAS

GREVE DE FOME

É de conhecimento público que um grupo de pessoas ligadas a movimento político tomou o Salão Beta da PUC, na noite de 31/8, para realizar "greve de fome".

Não cabe à autoridade universitária pronunciar-se sobre finalidades, mérito ou oportunidade do gesto em si. Responsável por uma instituição de ensino superior que se pretende autônoma, a Reitoria tomou a seguinte posição:

1- A Reitoria da PUCSP, repudia a ocupação de dependência da Universidade, acontecida à sua total revelia, na noite de 31/8, sob responsabilidade da "Convergência Socialista".

2- Sem querer entrar no mérito da questão, julga, como já externou em outras oportunidades, que não pode tolerar a utilização da Universidade por parte de partidos e agremiações políticas, uma vez que isto fere a autonomia da instituição.

3- Pelo lado humano, a Reitoria preocupa-se com a presença especialmente de senhoras, cuja saúde poderá correr riscos.

4- Espera que os responsáveis pela ocupação atendam ao seu apelo, retirando-se da Universidade. (São Paulo 1/9/78).

A Reitoria pede que a comunidade universitária reflita sobre as palavras de D. Paulo:

"Aprovamos a luta legítima pela libertação dos 22 presos, mas somos contra a greve de fome por 3 razões: lançaram mão de um recurso extremo, o risco de vida, (já que a greve de fome é um "suicídio lento)", dentro de outro recurso extremo, que é a greve; invadiram a PUC impondo aos outros uma decisão de um grupo de pessoas. Os grevistas não podem obrigar a ceder salas a eles para uma medida que não aprovamos. Defendemos que eles sejam livres, mas os próprios grevistas não nos deixam livres".

UNIPUC: PARA NÃO ESQUECER



Dom Benedito e Dra. Maria Antonieta Celani homenageados do coquetel do dia 22/AGO promovido pela Associação dos Ex-Alunos.

VESTIBULAR-79: MAIS VAGAS À TARDE

Dia 18 a 30 de setembro abrem-se as inscrições. O horário é das 9 às 20 horas (exceto sábado, que vai até às 12h.). O local das inscrições é a r. Ministro Godoy nº 967, no prédio Novo mesmo. A taxa é de Cr\$ 464,00 devendo ser paga no BANESPA. Os exames serão de 18 a 21 de dezembro (1º conjunto) e dia 17 de janeiro (2º conjunto).

Na entrevista coletiva à imprensa, dia 11/9, o prof. Casemiro informou que serão aumentadas vagas (período vespertino) para os cursos de Tradutor-Intérprete de Inglês; Economia, Ciências Contábeis e Atuariais; Administração de Empresa e Fonoaudiologia. Nos exames será mantida a prova de Nível Mental, as questões foram diminuídas de 70 para 50 nas provas de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Inglês e Francês. O total das vagas oferecidas para 79 é de 3.885.

TRABALHO CONJUNTO SENAC E PUC.

Por iniciativa do Prof. Cordão do SENAC estabeleceu-se um contato entre aquela entidade e a PUC; representada pelo IEE. São estudadas 4 linhas de trabalho:

- 1- Participação da PUC em reuniões de estudos do SENAC. Dias 4 a 6/9 os profs. Queiroz e Edênio já participaram de um Encontro sobre Qualificação Profissional.
- 2- Veiculação de notícias de interesse entre as duas entidades.
- 3- Desenvolvimento de assuntos de interesse do SENAC, através de teses de mestrado ou doutoramento pela PUC. Está sendo preparado um temário. O SENAC ofereceria aos interessados em desenvolver este trabalho, os arquivos e bibliotecas, serviços de computação de dados e a possibilidade de financiamento com bolsas do Min. do Trabalho ou do próprio SENAC.
- 4- Promoção pelo SENAC de um curso de Qualificação Profissional, a nível de extensão universitária em convênio com a PUC.

TUCA ESPETÁCULOS

— Estão programadas 2 estréias: 14/9 com Ivan Lins e 18/9 o espetáculo infantil da Mônica e Cebolinha (adaptação de Romeu e Julieta).

— Dias 26 e 27 a professora Beatriz Tragtenberg e grupo promove o espetáculo "CIRCO, ALEGRIA DOS POBRES".

— O C.A. 22 de Agosto reservou 3 noites para atividades.

TUQUINHA DEBATES

— Dia 23/9 promoção do Curso de Jornalismo e aberta a toda a comunidade, a partir das 9h. Debates com o prof. Carlos Gardin e Geraldo Guimarães (autor das fotos deste número de PORANDUBAS). Dia 30/9 haverá encontro com prof. Haroldo de Campos.

— Curso de Astrologia: promoção do prof. Waldir Füscher. Dias 26 e 27/9 das 19 às 22 h. Aberto ao público.

— LIVRO-DEBATE: Lançamento e discussão acerca do livro "Evolução dos Direitos da Mulher" da Prof. Silvia Pimentel. Dia 13/10.

— Dia 5 a 8/10, apresentação do Grupo "Teatro Luta" com alunos de vários cursos da PUC.

"QUE DESGRAÇA É ESSA QUE CAI SOBRE NÓS?"

O Prof. Firmino de Paiva, etnolinguista da PUC, foi em julho ao interior do Paraguai, visitar "sua" tribo, que se acha em extinção: os Achê-Guayakí. Esta tribo está em agonia. Conta apenas com 60 sobreviventes. O Prof. lembra a necessidade gritante de socorrê-los além da obrigação científica de registrar a riqueza cultural e espiritual daquele povo. A finalidade da viagem do Prof. Firmino, além da coleta de dados para a tese etnosintática a ser apresentada na Univ. de Bonn, era levar um médico amigo para tratamento de um dos maiores males da aculturação: a gripe...

"HEI DE VENCER MESMO SENDO PROFESSOR..."

Esta anedota exemplar é verídica. Certa professora aproveitou os feriados para encontrar a natureza, o verde. No entusiasmo, resolveu andar a cavalo. Lá ia ela, toda feliz com o bom cavalo que pechinchara: Cr\$ 75,00 por hora! De repente, numa iluminação súbita, nossa colega quase cai da montaria tomada pela intuição: "esse cavalo ganha mais que eu!".

FUNCIONÁRIOS: ELEIÇÃO

CHAPAS QUE CONCORRERÃO À ELEIÇÃO DA 1ª DIRETORIA E DO 1º CONSELHO FISCAL DA ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - AFAPUC, A REALIZAR-SE NO DIA 28/09/78, DAS 9 ÀS 16 HORAS NOS "CAMPI" MONTE ALEGRE, MARQUÊS DE PARANAGUÁ SOROCABA.

CHAPAS DIRETORIA
Presidente: Geraldo Silvério Vice-Presidente: Sebastião Carlos Fonseca Guedes 1º Secretário: Reinaldo Fondello 2º Secretário: Edwaldo Brito de Mattos 1º Tesoureiro: José Isaias Dantas 2º Tesoureiro: João Gimenez

DIRETORIA
Presidente: José Tarcísio de Carvalho Neves Vice-Presidente: Sandra Bernini da Costa 1ª Secretária: Mary Paiva 2ª Secretária: Maria José Barbosa 1ª Tesoureira: Marta Cordoni 2ª Tesoureira: Reinaldo Lumina Ribeiro

CONSELHO FISCAL
Bel. Ioshio Ifuko Bel. Luiz Zomaga Naclério Homem Prof.ª Marina Colombo de Bartolo Observação: O eleitor somente poderá votar em uma das chapas, sendo-lhe vedado, sob pena de nulidade do voto, riscar ou substituir qualquer dos nomes da chapa de sua preferência.



Dia 4/7 foi feita uma reunião de alto nível na PUC. Tratou-se de problemas ligados a Alimentação e Nutrição. (NUPEAN significa Núcleo de Pesquisa Econômica à Alimentação e Nutrição). Compareceram representantes de Faculdades de Medicina (Paulista, de Ribeirão Preto, Saúde Pública), Ministério do Trabalho, UNICAMP, Un. FED. VIÇOSA, FVG, CNPq, Inst. Física da USP, NICEF, IBGE, Nestlé, Scania, etc. Esta reunião pretendia preparar o "XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE NUTRIÇÃO", que se realizou dia 27/Ago. no Rio. Pela PUC participam os Profs. Filellini, Benatti, Pedro Calil. Ao Congresso do Rio compareceu também Pe. Edênio que falou sobre o tema "grupos Populares de Compras Alimentícias na Periferia do Grande S. Paulo".

SEMANA DE ESTUDOS DA PUC

Será dias 9 a 13 de outubro. A iniciativa veio do Básico, sendo assumida pelo Conselho de Ensino de Pesquisa (CEP). O tema geral será: "A FORMAÇÃO HUMANISTA DO PROFISSIONAL". Com isso pretende-se discutir acerca do profissional que a PUC está formando e ver formas de garantir o embasamento humanístico e o engajamento deste profissional na realidade as atividades escolares serão normais. Haverá mesas-redondas, conferências, discussões envolvendo alunos e professores, abordando um âmbito geral da Universidade e específico de cada Centro. Preside a Comissão Organizadora a Profa. Ma. Lúcia Santaella Braga ao lado dos Diretores de Centro.

TESES

Dia 21/9 às 14 h.; BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA: "A Política de Formação de Professores do Ensino Superior: Crítica de seus Pressupostos (o binômio "segurança e desenvolvimento") em função de seus resultados". Doutorado em Educação. Orienta: Dermeval Saviani.

Dia 28/9 às 14 h.: CARLOS PERARO P: "Conflito no grupo segundo a teoria de campo de Kurt Lewin". Mestrado em Psicologia Social. Orienta: Silva Lane.

Dia 11/10 às 9h.; CRISTINA LINO MOREIRA: "Tributabilidade do Serviço Público". Mestrado em Direito. Orienta Paulo de Barros Carvalho.

OBS: todas as defesas serão na sala 122 do Prédio Novo.

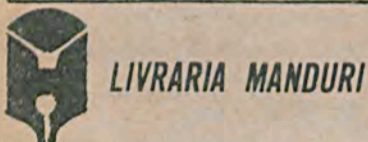
CURTINHAS

- TUCA VIVO: "Democratização e Liberdade Sindical". Dia 2/10 às 20 horas no TUCA.

- O pessoal de Serviço Social que trabalha no "Projeto Embu" solicita a quem puder dispor de um Gravador cassette e um relógio de cabeceira que marque segundos (mesmo que merecendo concerto), que entregue na Secretaria da Faculdade. As crianças do Embu agradecem.

PORANDUBAS

R. Monte Alegre, 984 - tel: 262-0211 r. 343. Chefe da S. Comunicações: José Queiroz Redator-Responsável: Jorge Claudio Ribeiro Diagramação: Sydney Escobar Tiragem: 16.000 exemplares. Composição: S/A O ESTADO DE S. PAULO IMPRESSÃO: Editora Jornalística AFA Ltda. Av. Liberdade, 704.



LIVRARIA MANDURI

Livros de Arte, Ciências Humanas, Pockets, Posters. Atendemos a Pedidos também pelo telefone. Rua da Consolação, nº 323 - LOJA 1 - CEP 01301. Fone: 256-9610.

